

**IMANÊNCIA & VIDA FILOSÓFICA, CONSIDERAÇÕES
PRELIMINARES ACERCA DA IDÉIA DE PLANO DE
IMANÊNCIA EM GILLES DELEUZE**

*Jorge Vasconcellos**

Resumo:

Estabelecer uma conexão entre um pressuposto ético - viver a vida e um enunciado ontológico: uma vida em sua imanência. Articular os conceitos filosóficos ao seu plano de imanência. Instaurar uma relação inequívoca entre imanência e vida filosófica em Gilles Deleuze.

Palavras-chave: imanência/ vida/ ontologia/ Deleuze.

Abstract:

To establish a connection between an ethical assumption - to live the life - and an ontological statement: a life in its own immanence. To link the philosophical concepts to their immanence level. To create an unequivocal relation between immanence and philosophic life in Gilles Deleuze.

Key words: immanence/ life/ ontology/ Deleuze.

A maior pretensão deste artigo é articular os principais pressupostos iniciais da pesquisa de doutoramento em filosofia que desenvolvo acerca dos vários nomes do tempo em Gilles Deleuze. A finalidade deste empreendimento é a articulação que procuraremos fazer entre

*Jorge Vasconcellos é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia no IFCS/UFRJ, sob a orientação do Prof. Dr. Roberto Machado, desenvolvendo uma pesquisa sob o título: *O tempo e a ontologia do cinema em Gilles Deleuze.*

os conceitos filosóficos e os afectos e perceptos¹ das obras de arte. Privilegiaremos essencialmente o cinema neste agenciamento entre filosofia e arte, para termos condições de propor, a partir de um pensamento do cinema em Deleuze, a ontologia para pensar as imagens e os signos cinematográficos.

É preciso, então, que se fale aqui de um texto que traduzimos e que serve de ponto de partida para o título deste artigo: *A imanência: uma vida...*². O título já possui algo de curioso e intrigante: “imanência” e “vida”, duas palavras que possuem um sentido estrito e lato, duas palavras caras a dois saberes, duas palavras que compreendem o universo da filosofia e da biologia. Duas palavras que são ligadas por artigo indefinido “uma” vida, apenas uma, não mais que uma, nos parece querer dizer Deleuze, uma única vida, porém mais do que apenas “uma” vida. Afirimo que a escolha do filósofo pelo artigo indefinido singular já denota um importante eixo problemático da obra de Gilles Deleuze em geral, e deste texto em particular. Ao propor uma leitura deste texto deleuzeano acrescentei a conjunção e articulei-a com a idéia de filosófico, de uma *vida filosófica*. O artigo indefinido “uma” e a conjunção “e” nos deixa ver uma linha diretiva que procura privilegiar as singularidades plurais ao invés das totalizações genéricas: o “uma” no lugar do “a”, o “e” em vez do “é”, excede em muito uma escolha estilística, por mais que o estilo constitua já por si mesmo uma orientação filosófica - pensemos em Montaigne, Nietzsche, e até em Michel Foucault. É mais, o título se finaliza com três pontos. Por que não o ponto final, ou mesmo uma interrogação, poderíamos nos perguntar. A resposta não é das mais

¹ Gilles Deleuze em sua obra *Qu'est-ce que la philosophie?*, Cap. 7 “Percept, affect et concept”, pp. 154-188, afirma que os conceitos são a Idéia da filosofia, assim como os afectos e perceptos são a Idéia da arte, e por sua vez os functivos são a Idéia da ciência. Os conceitos formam o plano de imanência, os afectos e perceptos formam o plano de composição, os functivos formam o plano de coordenadas. O que nossa pesquisa pretende é articular o plano de imanência da filosofia ao plano de composição da arte.

² DELEUZE, Gilles, “L’immanence: une vie...”, *Philosophie*, n.º 47, Paris, Edições de Minuit, setembro, 1995, pp. 3-7. Número especial foi dedicado a obra do filósofo francês que viria falecer a dois meses depois de sua publicação, precisamente, no dia quatro de novembro daquele ano.

fáceis. No entanto, arrisco a dizer que o que se ressalta é o inacabamento da obra, não especificamente deste ou daquele artigo, mas de toda uma obra, especialmente da mais importante de todas as obras que é a vida, de *uma vida filosófica*.

No artigo traduzido Deleuze indaga: “o que é um campo transcendental?”, para logo em seguida responder que ele (o campo transcendental) se distingue da experiência, não remete a objetos nem a sujeitos, apresentando uma corrente de consciência a-subjetiva, uma consciência pré-reflexiva impessoal, uma duração da consciência sem eu. Em outras palavras, Deleuze nos diz que o transcendental, ou ainda sua criação - o empirismo transcendental - faz oposição a tudo o que constitui um mundo em que sujeitos e objetos sejam pares inseparáveis a nos dar a conhecer o real. Este empirismo se distingue de um empirismo simples (uma sensação) possui algo de selvagem e de potente. A selvageria e potência pensadas aqui por Deleuze parece procurar propor o “filosófico” como uma espécie de arte das impurezas, como uma espécie de arte bruta e inocente dos conceitos: Gilles Deleuze é um *naif*. A ingenuidade é parte integrante de seu método filosófico. Ele mesmo que o dizia: “sou o mais ingênuo de minha geração”. A inocência e a ingenuidade são postuladas não como uma ironia, mas por ainda ser possível creditar à filosofia como uma forma fundamental de expressão do pensamento, mais que isto, a filosofia, juntamente com a ciência e a arte, se constituem como as formas fundamentais de expressividade do pensar. Ser ingênuo, filosoficamente falando, é ser um inventor de conceitos selvagens. Ser inocente é propor novas formas de potencializar a vida, desprovido-a de toda e qualquer culpa. A filosofia não precisa da pureza celeste platônica, necessariamente, para pensar. O pensamento também é possível nas impurezas das misturas terrenas. Um empirista é um artífice dos conceitos a amar a terra e suas impurezas.

O problema que parece aqui estar em jogo é muito maior do que avaliar ou mesmo avaliar uma teoria do conhecimento a nos dar conta de objetos conhecidos e sujeitos a conhecer, mas o de uma ontologia a-subjetiva, de uma ontologia que projeta-se como uma espécie de “a-consciência”. O que parece importar não são as questões colocadas pela

consciência, pois estas questões via de regra podem nos levar a falsos problemas, pois o que importa são os reais problemas que nos dão a perceber e pensar a própria consciência.

Kant torna-se um grande aliado para esta empreitada deleuzeana: a idéia de “transcendental” sofre uma torção, une-se a um empirismo dito ingênuo para assim extrapolar as puras condições de possibilidade do conhecimento do real, indo mais além da mera sensação. Estamos diante da invenção deleuzeana do empirismo transcendental, da produção de um campo transcendental que, de direito, se planifica “de fora” da consciência.

Ainda que fale de consciência, o que o texto deleuzeano nos parece querer apontar é para a dissolução inequívoca de quaisquer resquícios de uma consciência intencional - a consciência não cria, inventa, produz ou mesmo intui a coisa - ela *é* coisa. Daí o campo, por isso “um” campo: um campo transcendental. A idéia de campo não é utilizada neste sentido com nenhuma gratuidade. O campo é aquilo que se faz para delimitar algo, no entanto, *in campo*, ou seja, dentro do campo torna-se possível vicejar o aberto e o *de-fora*. Aberto porque se lança em direção ao que interessa propriamente a Deleuze, que é o *plano* e o *platô*. Um platô a multiplicar-se em inúmeras estratificações onde o pensamento pode ser forçado a se instaurar: não mais um platô, mas mil platôs. Um plano que se constitui como pré-condição de todo o filosófico, um plano a garantir o de fora que é o pensamento. Estamos já aqui a falar da idéia deleuzeana fundamental, da perturbadora idéia de plano de imanência em Gilles Deleuze.

A idéia de plano de imanência está diretamente implicada à idéia de conceito em Deleuze, à sobrevida dos conceitos filosóficos. Os conceitos são totalidades fragmentárias que não se ajustam umas às outras, já que suas bordas não coincidem. Eles nascem de um lance de dados, não compõem um quebra-cabeças. De todo modo, e mesmo desta maneira, eles ressoam à filosofia que os cria, pois só é filosofia o pensamento que se dá a esculpir conceitos. Contudo, os conceitos não constituem por si só um plano de imanência. O plano de imanência não é um conceito particular ou um conceito geral, nem por sua vez, um Grande

Conceito a englobar todos os outros conceitos, ele é a pré-condição de existência de todo conceito filosófico, ele é o solo onde os conceitos devem vir à luz. O plano de imanência é a terra do conceito.

Os conceitos são construções para Deleuze, a própria filosofia é uma espécie de construtivismo, daí a importância por traçar planos, erger platôs, semear campos. A imanência é a argamassa destes campos, platôs e planos; e os conceitos são a sua ferramenta. Conceitos e imanência, idéias completamente articuladas no pensamento de Gilles Deleuze. É esta articulação entre conceitos e filosofia, ou mais precisamente, entre plano de imanência e os conceitos que o compõe que garantem ao “filosofante”, aquele que estuda a filosofia e interpreta a sua história, conhecer e restituir um determinado filósofo ou mesmo um sistema de pensamento. O plano de imanência torna possível desenhar diagramas na cartografia do pensamento filosófico. O plano de imanência faz aparecer um rosto em meio a bruma da paisagem filosófica. Em Deleuze, a idéia de plano de imanência nos dá subsídios para ratificar as relações de contigüidade entre filosofia e história da filosofia. Somente assim entenderemos os primeiros pensadores gregos, Platão ou o estoicismo, Duns Scot ou o tomismo, a filosofia cartesiana ou Espinosa, a filosofia de Heidegger ou o pensamento de Michel Foucault. É preciso, antes de mais nada, constituir o plano de imanência a dobrar e desdobrar os conceitos destes autores. Teremos assim o filósofo, teremos assim sua filosofia. Em Deleuze não temos como distinguir o filósofo e o historiador da filosofia. Filosofar é fazer história da filosofia. *Différence et répétition*³, um de seus maiores livros é, na verdade, uma espécie de história da filosofia problematizada. Nesta obra estão traçadas todas as principais linhas diretivas do pensamento deleuzeano e sua opção à *diferença*. É preciso liberar a diferença do julgo da identidade, reverter a imagem dogmática do pensamento, instaurar uma ontologia do tempo. *Différence et répétition* é um dos grandes livros de filosofia escritos no século XX.

Defendo então que mais do que uma questão metodológica que se abre ao pensarmos as relações entre filosofia e história da filosofia e entre imanência e conceitos filosóficos, estamos isto sim, diante de uma

³ Cf. DELEUZE, Gilles. *Différence et Répétition*. Paris: PUF, 1968.

imposição ética e de um problema ontológico em Gilles Deleuze. A imanência em seus planos e seus campos é o que pode nos fazer afirmar a vida, afirmar uma vida em sua inocência, por mais terrível que esta vida seja. Mais que isso, a imanência, ou ainda, um pensamento pensado como imanente, nos dá conta das multiplicidades, dos acontecimentos e das singularidades desta *uma vida*. Isto posto, podemos tentar dizer que uma das diretrizes do projeto deleuzeano de filosofia se define pela constituição de uma teoria das multiplicidades - a filosofia é uma teoria das multiplicidades em Gilles Deleuze - e estas multiplicidades somente podem ser pensadas a partir da instauração de um campo de imanência. Estamos a falar das multiplicidades da vida, sejam as multiplicidades quantitativas da matéria, sejam as multiplicidades qualitativas do espírito, utilizando uma terminologia bergsoniana. Só uma teoria das multiplicidades é capaz de compreender cada acontecimento a partir de sua singularidade, de sua contingência e de seu devir. Está, desta maneira, garantido o estatuto ético: afirmar a vida, afirmar *uma vida* não depende do conhecimento, a rigor, das coisas do mundo. Afirmar a vida, afirmar uma vida é inventar uma nova subjetividade, uma subjetividade que abandone dualismos como sujeito/objeto e leve apenas em conta o jogo de forças do acaso, mesmo que este jogo nos seja extremamente doloroso: é preciso rir da dor! Entendendo a filosofia como uma teoria das multiplicidades e fugindo de falsos dualismos como Uno/Múltiplo é possível escapar dos valores metafísicos universais da representação a subordinar o tempo ao movimento, a encurralar a diferença em nome da identidade. A filosofia como uma teoria das multiplicidades nos enseja um duplo postulado. Um postulado ético: uma vida e... E um postulado ontológico: uma vida é... Uma vida em seus múltiplos acontecimentos singulares e uma vida a afirmar irrestritamente todo o acaso.

Ao apontarmos a filosofia como uma teoria das multiplicidades em Gilles Deleuze, estamos já no campo que articula o atual e o virtual pois toda multiplicidade implica elementos atuais e elementos virtuais. Em Bergson, por exemplo, a lembrança não seria uma imagem atual a se formar após o objeto percebido, a lembrança é a imagem virtual que coexiste com a percepção atual do objeto. Há uma contemporaneidade

da lembrança como imagem e seu objeto atualizado. O princípio da coalescência é fundamental para entendermos esta dobra do tempo. Todo o passado é coalescente, contemporâneo de seu presente que ele foi, como se o passado estivesse absolutamente contraído, pronto a se expandir pelas pontas de um lençol. Impossível não lembrarmos de Jorge Luis Borges e de seu *Aleph*⁴: o tempo absolutamente concentrado - a virtualidade, o tempo absolutamente expandido - as atualizações. O atual e o virtual são as dobras do tempo. A compreensão desta idéia de tempo que Deleuze se apropria da filosofia de Henri Bergson é demasiado importante para o tema aqui proposto: a imanência e a vida...

Uma vida é toda ela feita de virtuais, ela - a vida - é um feixe de virtualidades, de acontecimentos e de singularidades que sendo virtual, nem por isso se dá por falta de realidade: o virtual é atual, mas também real. Ele, o virtual, "é", como uma vida "é". Os acontecimentos de uma vida se singularizam em estado de coisas, mas a vida não é um estado de coisas, pois ela está atualizada, expandida. O próprio plano de imanência ao produzir um corte no caos instaura a virtualidade. O plano de imanência é também virtual, por sua vez, os conceitos são atuais.

Gilles Deleuze nos diz que os conceitos filosóficos, para quem os inventa ou mesmo esclarece, são também modos de vida e de atividade. Parece-me que o filósofo estava como que tomado pelo sentimento da finitude e do limiar, como que sentisse a proximidade da experiência do limite e do fim, então nada mais a fazer senão afirmar a vida. Afirmer a vida, afirmar uma vida filosófica, repleta de virtualidades, acontecimentos e singularidades. Afirmação irrestrita da imanência: potência e beatitude, imanência e vida.

⁴ O *Aleph* é uma das inúmeras histórias borgianas a nos colocar entre um possível e curto liame a separar filosofia e arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. Tradução de Flávio José Cardozo. Porto Alegre: Editora Globo, 1989.
2. DELEUZE, Gilles. "L'actuel et le virtuel", in: *Dialogues*, nova edição. Paris, Flammarion, 1996.
3. _____ & GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Minuit, 1991.
4. DELEUZE, G. "A imanência: uma vida...", in: *Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanência*. Tradução e organização de Jorge VASCONCELLOS. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1997.
5. _____. "Praias de imanência". Texto inédito, traduzido por Éric ALLIEZ. *Folha de São Paulo*, Caderno MAIS, p.13 de 03/12/1995.